

UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

RENATO DOS SANTOS BRAZ

EDUCAÇÃO ESTÉTICA: Libertação cultural e Autonomia intelectual.

RIO DE JANEIRO - RJ

2021

RENATO DOS SANTOS BRAZ

EDUCAÇÃO ESTÉTICA:

Libertação cultural e Autonomia intelectual

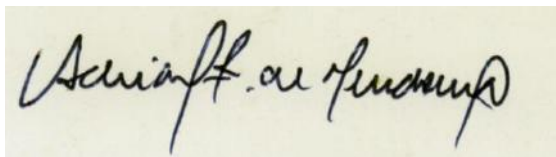
Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharelado em Filosofia.



Prof. Dr. Rafael Haddock Lobo (orientador) – IFCS/UFRJ Nota: 8,5



Profa. Dra. Nubia de Oliveira Santos (coorientadora) FE/UFRJ Nota: 8,5



Profa. Dra. Adriany Ferreira de Mendonça – IFCS/UFRJ Nota: 8,5



Prof. Dr. Filipe Ceppas de Carvalho e Faria – FE/UFRJ Nota: 8,5

Rio de Janeiro

2021

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de colaborar para o entendimento da formação e manutenção de estruturas sociais indissolúveis, no que se refere ao posicionamento dos indivíduos em suas respectivas esferas sociais, determinadas pela sua posição econômica e os privilégios que esta lhes proporcionam. Ainda mais além, busca-se a possibilidade de compreender uma estrutura social composta de favorecidos por um sistema educacional que privilegia poucos, diante de uma maioria desprivilegiada, membros da mesma sociedade. O formato dessa educação, ou melhor, de uma pedagogia, que vem a ser uma forma metodológica da educação, onde, claramente, determina um posicionamento social, aparece como destaque nessa monografia para análise e crítica. Porém, infelizmente, muitas vezes, é a posição social que, previamente, determina o tipo de educação e ou pedagogia a ser destinada a um grupo ou outro.

Palavras-chave: Educação. Estética. Filosofia. Sociedade.

ABSTRACT

The production of this work aims to collaborate to the understanding of the formation and maintenance of indissoluble social structures, regarding the positioning of all individuals in their respective social spheres, determined by their economic position and the privileges it provides. Even further, we seek the possibility of understanding a social structure composed of those favored by an educational system that privileges a few, before an underprivileged majority, members of the same society. The format of this education, or rather, of a pedagogy, which is a methodological form of education that clearly determines a social positioning, is highlighted in this research for analysis and criticism. Unfortunately, however, it is often the social position that, beforehand, determines the type of education and or pedagogy to be aimed at one group or another.

Keywords: Education. Aesthetics. Philosophy. Society.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA	9
2.1. ESTÉTICA A ORIGEM DO CONCEITO	9
2.2. SCHILLER E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA	13
2.3. FREIRE E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA	16
3. O LUGAR DA BELEZA NA EDUCAÇÃO	20
3.1. A BELEZA NO MUNDO	23
3.2. A DIMENSÃO ESTÉTICA DA AULA	25
4. EDUCAÇÃO ESTÉTICA: aprendizagem e autonomia	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
7. ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

A Educação é um sistema teórico de transmissão de conhecimento, efetuada de geração para geração, ou seja, passado do mais velho para o mais jovem, baseando-se numa forma específica de linguagem, de acordo com seu período histórico. Desde que existe o ser humano na superfície terrestre se faz presente a educação em diversos momentos e formatos. Os seres humanos do paleolítico já se utilizavam de um sistema educacional primitivo para passar ensinamentos que serviriam para a prática da vida cotidiana, como, pescar, caçar, construir armas e ferramentas, como afirma Lorenzo Luzuriaga.

Esse sistema de transmissão do saber que chamamos de educação, durante toda a vida humana, foi responsável por formações e transformações dentro das sociedades, pois, acompanhadas de uma evolução tecnológica, as necessidades humanas foram aumentando com o passar do tempo, na medida em que esse ser, provido de racionalidade, foi evoluindo e cada vez mais se adaptando ao meio em que vivia. Contudo, foi em meio a essas transformações revolucionárias que a educação passou a ter um papel cada vez mais importante e imponente, dentro da formação e desenvolvimento das sociedades, no que diz respeito ao trabalho, à propriedade, e principalmente à política. Todos esses fatores e aspectos sociais são constituídos a partir de uma formação culturalmente educativa, já que necessitam de um processo de aprendizagem para que sejam assimilados e para que sejam postos em prática na vida cotidiana.

A partir da análise sobre o processo formador do ser humano em sociedade, utilizando-se de um suposto sistema educacional, é que, esta monografia se debruça sobre a ideia da existência e influência de uma “educação estética do homem”, que possui como essência uma sensibilidade ao “Belo” e ao “Bom”. No entanto, o lado sensível humano (sentidos), que facilmente é tingido e afetado, muitas vezes sublimemente, por essa essência estética, supostamente, pode vir a ser utilizado pelo ser humano, a serviço de seus interesses pessoais, desde que esse tenha a sensibilidade de captar as sensações menos avassaladoras, o que Hume (2004) chama de “Delicadeza do Gosto”, que para ele é “uma sensibilidade apurada para a beleza e a deformidade...” (p.47). Essa sensibilidade daria, supostamente, a esse

indivíduo uma liberdade para inserir e ou excluir, ele mesmo ou outros, de um determinado contexto ou grupo social, criando e fazendo uso de um padrão educacional-moral, baseado na verdade, na justiça e na bondade.

Sendo assim, algumas questões surgem, diante de tantas incertezas e especulações a respeito de uma padronização educacional, restrita a uma parcela da sociedade, como as nesse momento apresentadas: existe de fato uma educação estética do indivíduo? Se existe essa educação estética, ela realmente atua como ferramenta humana, modeladora de grupos sociais? Essa mesma suposta ferramenta consegue “abrir” e “fechar” “portas”? Onde está a importância dessa educação estética? Por que ela surge com tanta força? Será que esse (suposto) padrão de educação estética é eficaz? Se essa educação estética é de fato atuante, será que ela se aplica a todos de forma padronizada? Se tratando de uma distribuição social por classes diferenciadas, essa educação estética tem um caráter exclusivo ou inclusivo? É a educação que determina o seu próprio meio de atuação, a partir da sua influência cultural, ou, ela se torna uma mera ferramenta para forjar uma estrutura social moldada? E por fim, como as instituições são atuantes nesse processo educacional?

A exposição do conceito de educação estética se torna obrigatória diante de tantos questionamentos relacionados à temática, que, pode ser definida como a alfabetização e aprendizagem a partir do uso de linguagem não verbal, privilegiando a arte, de modo a apresentar um novo ideal educativo, tendo como base a arte como atividade criativa e libertadora. Essa nova visão de Educação Estética, antes presa a um padrão elitista e burguês, guiada por uma massificante indústria cultura, ditadora de normas, meios e formas de consumo, propicia a criação de um espaço educacional para o desenvolvimento da percepção sensorial e cultural de cada um, e, principalmente, para o desenvolvimento do juízo estético que permite a formação de uma autonomia de consumo. Segundo, Gerson L. Trombetta (2008) “... os estímulos advindos da indústria cultural e dos processos de estetização do mundo restringe a experiência estética a apenas um nível: o agradável.” (p. 284). No entanto, Trombetta ao definir esse nível de estetização, estimulado a partir consumo induzido pela indústria cultural elitista, como agradável, o mesmo não se refere a uma experiência estética positiva, pois, de acordo com ele, “paradoxalmente, a maximização estética

produz como consequência a restrição a um tipo de satisfação apenas.” (p.284), que evidencia o caráter limitador e até mesmo aprisionador de tal relação estética. Ele ainda afirma que, “outra consequência da redução do estético ao agradável é a perda da capacidade de produzir julgamentos (linguagem)” (p.284). Daí a importância de uma educação estética que não seja excludente e que efetivamente seja uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento do juízo estético libertador.

Entretanto, todos esses questionamentos que se fazem presentes ao permearmos o universo da formação educacional do ser humano e das instituições responsáveis pelo controle e pela administração social, referente a um status quo, característico nas sociedades ocidentais. Já respondendo a algumas dessas perguntas, a educação sempre foi e continuará sendo um elemento responsável por manter ou transformar cursos da humanidade. E é claramente usada como ferramenta de controle social. Augusto Boal descreve essa realidade:

“Sempre lamentamos que nos países pobres, e entre os pobres dos países ricos seja tão elevado o número de pré-cidadãos fragilizados por não saberem ler e nem escrever; o analfabetismo usado pelas classes, clãs e classes dominantes como severa arma de isolamento, repressão, opressão e exploração” (BOAL, 2009, p.15).¹

Contudo, as outras perguntas exigem respostas mais aprofundadas por possuírem uma complexidade dentro da temática: Educação estética e diversidade cultural. No entanto, podemos concluir que essa educação estética é responsável pela composição estrutural de uma sociedade, de classes diferenciadas, e, que, determina valores classificatórios dentro dessas estruturas sociais, fazendo uso de instituições responsáveis pela aplicação efetiva de técnicas de controle social, através de um sistema de imposições socioculturais, estabelecendo uma estética social. Boal além de falar sobre negar a outros uma educação, cita também a respeito de um analfabetismo estético.

“Mais lamentável é também o fato de que também não saibam falar, ver e nem ouvir. Esta é pior ou igual forma de analfabetismo: A cega e muda surdez estética. Se aquela proíbe a leitura e a escritura, esta aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura (...). A castração estética vulnerabiliza a cidadania obrigando-a a obedecer a mensagens imperativas da cátedra e

¹ BOAL, Augusto. A estética do Oprimido. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2009.

do palanque, do púlpito e de todos os sargentos, sem refutá-las, se quer entendê-las". (BOAL, 2009, p.15)²

A partir dessas questões, esse trabalho tem como objetivo identificar a existência de uma estética da educação e, principalmente, descrever de que forma essa educação é atuante e absorvida pela sociedade e por seus indivíduos. Entre os objetivos específicos, pretendemos analisar o processo de construção de uma estética social forjada a partir de uma estética da educação humana, que veio a moldar um modelo de educação vigente até os dias atuais, caracterizando uma sociedade com graves problemas de diferenças socioculturais; e refletir sobre a possibilidade de atuação de uma educação estética excludente, visando beneficiar apenas uma camada privilegiada da sociedade ocidental;

Este trabalho se justifica pela busca da compreensão de uma estrutura social composta de favorecidos por um sistema educacional que privilegia poucos, diante de uma maioria desprivilegiada, membros da mesma sociedade. O formato dessa educação, ou melhor, de uma pedagogia, que vem a ser uma parte da estrutura metodológica da educação, onde, claramente, determina um posicionamento social, aparece como destaque para análise e crítica. Porém, infelizmente, muitas vezes, é a posição social que, previamente, determina o tipo de educação e ou pedagogia a ser destinada a um grupo ou outro. A comprovação da existência e esclarecimento a respeito do caso dessa estrutura sociocultural definida a partir de um modelo de educação estética irá colaborar para elucidarmos as questões expostas acima. Será uma tentativa de trazer à tona o problema, como apresenta Foucault, da utilização de:

“Métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”. (FOUCAULT, 2012, p.133)³

² BOAL, Augusto. A estética do Oprimido. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2009.

³ FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

2. UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

A palavra “estética” é usada nos mais variados contextos, estando relacionada na maioria dos casos à ideia de beleza. Lançar um olhar sobre uma educação estética sem investigarmos e compreendermos a origem e o conceito da palavra estética seria no mínimo negar a possibilidade de aprofundamento e uma melhor compreensão do tema proposto.

2.1. ESTÉTICA: A ORIGEM DO CONCEITO

A Estética, também chamada de Filosofia da Arte, é uma das áreas do conhecimento filosófico, que tem sua origem na palavra grega *aísthesis*, que significa, segundo Fernando Barros (2012) “... “percepção”, “sensação”, e, num registro ainda mais amplo, “sentimento” ...” (p.15). Nesse caso, tendo a estética origem no termo grego *aísthesis*, esta possui, dentro de uma compreensão inicial duplo significado, um permeando o campo da percepção dos objetos através dos órgãos sensoriais, traduzindo uma forma de conhecer (apreender) o mundo a partir dos cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato). E o outro representando as sensações internas ou modo como somos afetados pelos objetos externos, aflorando sentimentos, traduzindo o que podemos chamar de experiência estética.

É importante destacar que o estudo da estética, como entendemos hoje, tem suas raízes na Grécia Antiga. No entanto, desde o seu início, as pessoas têm demonstrado um cuidado estético em executar suas produções. De pinturas em cavernas, aos primeiros registros da atividade humana, ao design moderno ou arte, a capacidade de explorar belos objetos essa preocupação com o estético e com a experiência a partir dele adquirida parece durar até os dias atuais.

A filosofia grega, desde o seu período antropológico, procurou compreender os motivos pelos quais as obras humanas se comprometeram com o valor da beleza: a beleza.

Desde o início dos tempos, o conceito de beleza e excelência está vinculado à produção e transformação da natureza. Portanto, o filósofo grego Platão (427-347) buscou vincular a aplicação do conceito à ideia de beleza. Ele confirmou a existência

do "belo em si", um fundamento que existe no "mundo das ideias", que é responsável por todo o bem.

Muitas das discussões de Platão apresentam o belo, especialmente O *Banquete*. Nele, Platão se refere ao bem como uma meta a ser alcançada por todas as formas de produção. O filósofo, porém, combinava beleza com praticidade e atacava a poesia e o teatro grego, pois, para ele, esse tipo de trabalho não podia ser executado porque causaria confusão, ou seja, discordância sobre os deuses e as motivações das ações humanas.

A beleza foi compreendida pelos gregos em sua determinação. Essa ideia foi mantida durante a Idade Média e estendida aos seus laços com a religião. A ideia de perfeição e beleza estava ligada à manifestação da inspiração divina.

Naquela época, a arte era usada como ferramenta para a fé. Seu objetivo principal era liberar o poder da Igreja e aumentar o Cristianismo. A beleza passou a ser relacionada ao pecado.

No final da Idade Média, o Renascimento buscou se distanciar da visão religiosa da beleza. O conceito de beleza começa a se relacionar com o direito inato da verdade mais fiel possível com a realidade. O artista começa a ganhar protagonismo, sua qualidade técnica começando a ser conhecida.

A beleza, entendida em sua objetividade, estará relacionada à grandeza, formas e harmonia das apresentações da natureza. Esses recursos tornam-se as expressões matemáticas presentes nas obras de arte.

Portanto, definiu-se um campo relativo às setes artes – pintura, escultura, arquitetura, música, dança, teatro e poesia, as chamadas belas artes. Essa concepção de arte é a mesma conhecida até os dias atuais, embora novas formas de expressão artística tenham surgido durante os anos, como a fotografia, o cinema, o design, entre outros. Porém, sob o ponto de vista filosófico, a estética só ganhou o status de ciência em meados do século XVIII. Segundo Iser (2001) o primeiro conceito, propriamente, dito, da palavra estética foi definido em 1735, por Alexander Baumgarten, sendo considerada a ciência de como as coisas podem ser conhecidas através dos sentidos. O próprio filósofo, considerado o fundador da estética filosófica moderna, irá enfatizar:

“Agora, conhecemo-la [a estética] como uma ciência, e, por conseguinte, deve-se poder dizer a seu respeito tudo aquilo que se deve dizer de uma ciência” (1983, p. 82 apud Barros, 2012, p.25).

No entanto, foi apenas em 1750 que o filósofo Alexander Baumgarten (1714-1762) usou e definiu o termo "estética" como o domínio da informação sensorial (conhecimento lógico). A estética passou a ser entendida, assim como a mente humana e a lógica, como meio de conhecer pela sensibilidade.

Desse modo, ignorando a visão de Hegel (1974) que dizia que a estética é a ciência do belo artístico e que o natural deve ser excluído, partimos do conceito que a estética não está presa ao belo, muito menos à arte, embora sua relação com esta seja estreita.

Desde então, a estética evoluiu como uma base de conhecimento e como fonte de transmissão desse conhecimento. Qualquer semelhança como o que podemos chamar de educação não seria mera coincidência, pois, a estética, como sua essência caracterizada por captar as coisas e ou objetos externos, resultando na forma como somos afetados por esses, se aproxima intimamente da educação. Tanto que hoje ela é entendida como o estudo das formas, processos de criação da arte e suas relações sociais, morais e políticas.

A princípio a educação se coloca como o caminho para a formação de uma sociedade forjada com base na excelência da moral, do bem (*Areté*), parte de um projeto político-social que presa tanto pela captação da beleza como pelo aprendizado da bondade, para os antigos gregos como ser virtuoso, bom. Mas para isso, o cidadão precisa gozar de uma boa educação, ou seja, “bem educado”.

Segundo Fernando Barros (2012), em concordância com uma concepção platônica: “para que possamos concluir qual a melhor atribuição ou aplicação de algo é preciso que seu emprego esteja associado, em nossas mentes, a ideia do Bem” (p.31). Isso inclui a educação, mesmo que esta, em dados momentos e períodos históricos, seja utilizada como ferramenta de controle social.

Na Grécia antiga, no processo formação educacional das cidades, podemos observar um certo controle do Estado no que diz respeito a educação do cidadão. Na verdade, mais que um controle, uma censura direta, rejeitando modelos de educação poética que flertassem com a imoralidade, como é apontado pelas críticas de Platão (2008), que, “que incidem sobre o fato de que tais modelos de moralidade, os deuses e os heróis, sejam representados pelos poetas, em suas estórias, com um caráter contrário à sua natureza, praticando ações imorais de todo reprováveis” (p.36).

Entretanto, os deuses e heróis não são os alvos da nossa pesquisa, pois, o objetivo nesse momento é evidenciar esse controle, parte da estrutura do que se apresentava como o embrião de uma educação pública, rígida e intolerante.

Para Schiller, segundo Pedro Sússeking (Hussak, 2011), “a educação deve ser “estética””, a educação estética seria uma espécie de cura para a perversão e a selvageria que impedem liberdade. Contudo, para “para resolver na experiencia o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza se vai a liberdade”

2.2. SCHILLER E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Schiller escreveu em 1775 o livro “A Educação Estética do Homem”, contemplando a estética como a arte do belo, mas humanizando esse belo, vendo também o belo natural, de modo a mostrar que somente com a influência humana que existe beleza. Vale ressaltar nesse ponto que “estética” é derivada do grego “*aisthésis*”, significando sensação, sentido, liberdade (ISSE, 2007). Com isso, Schiller parte desse conceito original de “*aisthésis*”, afirmando que a aprendizagem do belo somente ocorre mediante as mudanças que tal aprendizagem traz para quem aprende.

Para compreender o conceito de beleza, devemos entender que ela existe por conta do equilíbrio existente entre sentimento e entendimento, bem como entre forma e matéria. Visto que no ser humano temos duas forças opostas, que chamamos de “impulsos”, que Schiller denomina de “impulso sensível” e “impulso normal”. O impulso sensível faz parte da nossa natureza sensível, da existência física do indivíduo, limitando-o, por não permitir que seu espírito possa sair do mundo sensível. O impulso formal é parte da existência absoluta do indivíduo e de sua natureza racional, que busca o manter em liberdade. Quando o impulso formal é dominante, a pessoa possui a tendência de examinar a obra de arte se baseando na razão, de modo a explicar a obra. Quando o impulso sensível é predominante, a emoção é o centro da observação (SCHILLER, 2002).

O autor afirma que é necessário ter um equilíbrio, para que tenhamos a real compreensão da beleza, rompendo a tensão existente entre os dois impulsos. Esse equilíbrio permite com que o conceito de beleza seja compreendido e o filósofo possa ser levado por seus sentimentos ao mesmo tempo em que se baseia em seu entendimento.

Schiller afirma que a beleza não pode ser estendida nem se encerra no âmbito das coisas vivas – um bloco de mármore, embora permaneça inerte, nas mãos de um arquiteto ou de um escultor, ele ganha vida e forma. Somente quando a forma vive em nossa sensibilidade, ela passa a ganhar sentido e a vida se forma em nosso entendimento (SCHILLER, 2002).

Logo, o conceito de beleza (estética) reside entre o sentimento e o entendimento. Chegamos aqui à educação estética. A estética pode ser aprendida, aprendizagem essa que acontece aos poucos. Ela nada tem a ver com a noção de uma escola bonita e uma educação bela (PERISSÉ, 2009).

Aprender o belo é necessário, pois ele faz parte de nossa vida, abrangendo as dimensões físicas, psíquicas e espirituais, além de todas as atividades que são exercidas pelo humano. Os dois impulsos que citamos, o sensível e o formal, são aparentemente opostos, um exigindo mudanças e o outro exigindo imutabilidade.

Dito isso, faz-se necessário um terceiro impulso: o impulso lúdico, o ponto onde o racional e o sensível se equilibram, o tal equilíbrio que o ser humano encontra quando se liberta das limitações acerca da sensibilidade e da razão, superando tal oposição (VERÁSTEGUI, 2007).

É pelo impulso lúdico que o indivíduo consegue e aprende a apreciar o belo, saindo do estado passivo da sensibilidade para o estado ativo do pensamento, o principal resultado da educação estética: formar o indivíduo sensível, em um todo.

A partir da teoria poética schilleriana (Hussak, 2011), processa-se a distinção, no conteúdo da produção artística, entre o “poeta ingênua” que privilegia o natural, e retrata a natureza assim como ela é e puramente como ela lhe afeta e o “poeta sentimental”, que resgata a natureza dentro de si, que, é afetado pela natureza, porém não a deixa tomar a frente da sua racionalidade.

Pelo contrário, a mesmo com a forte afetação causada pelo mundo exterior, o “poeta sentimental, consegue equilibrar sua racionalidade, que, o guia para a liberdade. “É o Homem sentimental esclarecido, orientado por princípios racionais, que observa a natureza e admira os objetos ingênuos como um adulto aprecia admirado os gestos de uma criança.” (p.21). Schiller, ainda afirma, que, “a poesia sentimental tem, ao seu auxílio,” a liberdade incondicionada da razão”, de modo que, para criar, não depende da experiência, mas da reflexão contemplativa que se volta par fora”.

Em sua obra, Schiller apresenta a relação entre estética e formação, mostrando a questão do ponto de vista político, e os males oriundos dessa relação, apresentando como o ser humano pode ser responsável por seus males, apontando como esses dois impulsos direcionam os indivíduos até a educação estética.

Estética e ética caminham lado a lado, convergindo e garantindo o equilíbrio do indivíduo, levando-o a aspirar ao político, um dos princípios da autonomia, ao mesmo tempo em que lhe conduz à liberdade, um dos princípios da ética. Dito isso, chegamos à Freire, que diz que é preciso que a decência e a boniteza caminhem de mãos dadas na escola, reafirmando o princípio de estética apresentado por Schiller (FREIRE, 2003).

2.3. FREIRE E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Abordamos agora um autor contemporâneo para compreender de modo amplo a relação estética, visto que Schiller não tinha como foco a escola. A partir de Freire, podemos encontrar a relação existente entre estética e a educação.

As teorias de Freire se delinearão aos poucos, a partir da prática, e não de seus estudos e leituras, como a maioria dos teóricos. Por meio do contato com as pessoas, Freire passou a construir seu pensamento e a hermenêutica, conforme é ilustrado em um relato seu, que ocorreu após uma conferência em Recife-PE:

“No término, um jovem de 40 anos, muito velho, pediu para falar e me deu talvez a lição mais vívida e poderosa que já aprendi em minha vida como professor e educador. (...) Ele pediu para falar e fez um discurso que jamais esquecerei, que esteve vivo na memória do meu corpo todo esse tempo e teve um efeito profundo em mim. . Paulo, você sabe onde moramos? Você já esteve com cada um de nós em casa? ”(...) Falou da falta de recursos para as necessidades básicas. Ele falava de cansaço físico, da impossibilidade de sonhar com um futuro melhor. A proibição imposta de serem felizes. Para ser otimista. (...) 'Agora olha, doutor, a diferença. Você chega em casa cansado. (...) Mas - vá em frente - uma coisa é chegar em casa, ou cansado, encontrar as crianças tomando banho, vestidas, limpas, bem alimentadas, sem fome, e outra é encontrar as crianças sujas, com fome, gritando, fazendo barulho. (...) Se batermos em nossos filhos e até mesmo sairmos do nosso caminho com eles, não é que não gostemos deles. Isso porque as adversidades da vida não deixam muito a desejar. ” (FREIRE, 2008, pp. 25-27)⁴

Tal passagem nos auxilia na compreensão de como Freire tirou grandes aprendizados com os acontecimentos de sua vida, uma característica forte de sua identidade e de seu trabalho, de modo que sua formação não ocorre apenas dentro da formalidade, mas também com um toque de informalidade.

Esse contato que Freire tem com a realidade faz parte da experiência estética e sua obra tem um grande papel para a educação estética, aparecendo de modo mais claro em “Pedagogia da Autonomia” (2003) e em uma entrevista com o título “Medo e Ousadia” de 1986, concedida a Ira Shor, onde o autor apresenta a estética sob a perspectiva do educador, embora sua formação inicial tenha sido em Direito.

⁴ FREIRE, P. Pedagogia da Esperança. 15ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Em alguns pontos, a relação entre educação e estética que Freire apresenta tem pontos em comum com a visão apresentada por Schiller, embora tenha algumas diferenças. Para Freire, a educação é mais visível como uma obra de arte, existindo um processo criador nela, visto que o ato de ensinar é como o conhecimento toma forma: o professor busca saber para provocar o ato do conhecimento em seus alunos. Desta forma, ensinar é um ato criador, dinâmico, crítico, e não um ato mecânico. A constante curiosidade do professor e dos alunos mantém esse processo em ação e é a base do ensino-aprendizagem (FREIRE, 2008).

Sendo um processo criador, a educação é uma obra de arte. Tudo o que ocorre dentro de sala de aula – a relação entre professores e alunos, o tom de voz, os gestos, tudo faz parte da estética de uma sala de aula.

“Creio que a partir do momento em que entramos na sala de aula, do momento que você diz aos alunos: ‘Olá, como vão?’ você inicia, necessariamente, um jogo estético. (...) Assim a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético”. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 146)⁵

Para Freire, a educação é um momento artístico justamente por ser um ato de conhecimento: “Conhecer, para mim, é algo de belo!” (FREIRE; SHOR; 1986, p. 145). O ato do conhecimento nos leva a desvendar os objetos, a própria vida. Em outras palavras, o conhecimento dá a vida, cria e anima objetos, enquanto permanecemos estudando.

A principal diferença existente entre Freire e Schiller é a questão existente entre estética e ética: Schiller afirma que toda estética gera ética, enquanto Freire afirma que elas caminham lado a lado, desde o começo.

Não existe o educar sem a experiência estética e o professor é sempre um mediador, ou um auxiliar, no processo de formação. Logo, para Freire a educação é um exercício estético, que ocorre na medida em que a relação com os alunos é estabelecida. Desse modo, o professor é o artista.

O ser humano é um ser inconcluso e por isso está sempre em busca de aprimoramento, que leva ao seu crescimento – por isso a constante necessidade de aprender. A pedagogia de Paulo Freire é baseada nessa concepção. Portanto, para

⁵ FREIRE, P; SHOR, I. Medo e Ousadia: o cotidiano do professor. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ser professor, a curiosidade em descobrir se faz sempre necessária, além da humildade para aprender, o respeito por outros saberes diferentes do seu, a reflexão crítica sobre a prática e a consciência da inconclusão e do inacabamento (FREIRE, 2003).

As raízes da educação estão no fato do ser humano ter um saber inacabado, ao contrário dos animais. A partir do momento em que o ser humano reconhece esse fato, ele reconhece que ainda tem o que crescer e, conseqüentemente, ainda tem o que aprender.

Freire ainda afirma que essa educação é “bancária” por sair da cabeça de uma pessoa e passar para outra, como uma espécie de transferência de conhecimento (FREIRE, 1987).

A beleza da educação reside na educação em si e eis uma relação importante de se perceber, pois a estética não pode ser dissociada da vida e de seus elementos. Essa experiência, embora não ocorra o tempo todo na escola, é fundamental para todos os atores desse processo, seja educador ou educando.

O artista aprende fazendo suas obras de arte. Para Freire, o professor/educador é o artista e a educação é sua obra de arte, sendo essa aprendida diariamente, dentro de sala de aula.

Tanto Freire quanto Schiller nos apresentam a importância da educação estética em nossa formação – Schiller nos mostra que devemos aprender a conviver com a arte enquanto Freire aponta a estética das relações que estabelecemos em sala de aula e no âmbito escolar, transformando a educação em uma obra de arte.

A vida do aluno está envolta no processo formativo que demonstra a incompletude do ser humano, que vai construindo sua vida a cada dia, dentro de seu espaço. Ao conhecer seu espaço, a pessoa se percebe melhor nesse espaço e a escola tem um papel importante, devendo assumir esse processo, de modo a auxiliar o aluno. Quando a escola assume o compromisso de conhecer a história individual de seus alunos, ela os auxilia a conviver com suas histórias, possibilitando que eles se situem no mundo, onde irão enfrentar as mais variadas adversidades e situações, estabelecendo uma relação estética.

Schiller aborda a necessidade do lúdico como uma dimensão que é necessária para existir o equilíbrio diante das tensões entre o formal e o sensível. Essa dimensão deve ser também utilizada em nossa vida cotidiana, sendo transportada, principalmente, para o ambiente escolar.

A educação estética é capaz de deixar para trás o preconceito e tudo o que for contrário ao crescimento individual. Os sistemas educacionais precisam ser avaliados para se perceber qual a estética mantida e que tipo de preparação estamos oferecendo para os alunos – talvez, desse modo, podemos encontrar algumas respostas para alguns problemas educacionais do país.

3. O LUGAR DA BELEZA NA EDUCAÇÃO

Iniciamos esse capítulo falando de compaixão, um sentimento ligado à religião, revestido na maioria das vezes de um sentido equivocado, tendo como sinônimo a palavra “piedade” e outros sentimentos congêneres, com raízes no latim “compassionem” (CUNHA, 1982), que significa “sofrimento conjunto”. Em resumo, ter compaixão é “sofrer com” alguém.

Em um mundo dominado pelo capitalismo, o individualismo ganha autonomia e poder, fazendo com que a compaixão desapareça de nossas relações sociais. A ética, a ciência que se preocupa com o transbordar dos indivíduos para fora de si, se conectando ao outro, o individual em direção ao coletivo, se ressentido de maneira exponencial mediante um ambiente que tem suprimido e eliminado a compaixão.

É preciso ver o outro, abrir os olhos para a sua presença e a sua existência. Logo, a compaixão é um modo de sentir o outro, bem como suas dores e suas conquistas, comungando a sua vida ao mesmo passo em que nos solidarizamos e nos compadecemos com ele.

Kafka (1999) descreveu como o jejum era realizado no século passado, com o homem jejuante enjaulado, a vista de curiosos, expondo seu sofrimento – tal qual ocorre quando vemos um corpo esquelético ou um acidente e tal terror atrai uma multidão de curiosos, o mesmo que ocorre em circos e show de horrores. Desse modo, o indivíduo do século passado tem grandes semelhanças com o indivíduo contemporâneo, principalmente na maneira insensível como encara seu entorno.

Em um mundo em que a subjetividade fosse cada vez menos definida por valores, sonhos ou ideais e cada vez mais confundida com o corpo, nesse mundo, a visão da carne de decepados e torturados não seria angustiante, pois ela não ameaçaria nossa subjetividade, apenas a apresentaria num arranjo inusitado, “engraçado” (CALLIGARIS, 2006)⁶

Sem os valores morais e éticos de nossa vida, um ser que morre em frente a outro é apenas um amontado de carne, com bastante sangue, sem reações vitais, sem respiração e sem coração. A violência existe por séculos e dificilmente deixará de existir, bem como desvios de comportamento, reações, atitudes errôneas e

⁶ CALLIGARIS, Contardo. Apocalipse agora. Texto publicado na Folha Ilustrada de 2 de março de 2006.

aterradoras, o que nos leva à questionar que tipo de ser contemporâneo tem sido criado e sob quais circunstâncias sua formação tem sido feita.

O discurso pós-moderno prega a transitoriedade das coisas e a flexibilidade das atitudes, não permitindo com que o indivíduo se vincule ao passado e nem mesmo ao futuro, nos restando apenas um presente monstruoso, avassalador, responsável pela estrutura que temos na pós-modernidade (ROUANET, 1987).

Desse modo, a qualquer instante novas regras podem aparecer e cabe ao indivíduo apenas ser naquele momento, pois ele não tem projetos a longo prazo para investir suas esperanças e suas expectativas. O indivíduo pós-moderno é desprovido de perspectivas, sendo oferecido para ele constantemente palavras vazias e provisórias que lhe dão a sensação de bem-estar e felicidade, com prazo de validade. Pensar no presente afasta o ser da indignação e o importante é ter a felicidade longe da realidade do mundo, garantida pela segurança do não se comprometer com questões de cunho social que possam invadir seu mundo particular. Mediante isso, cada vez mais o indivíduo se vê incapaz de transformar e se inserir na realidade em que participa.

A incerteza cria um campo recorrente no qual a pessoa se sente melhor em não pensar nisso e se concentrar no agora. Assim, o futuro é dado e acaba sendo planejado por outros, sem obstáculos. A fraqueza do homem em relação ao futuro é, ao mesmo tempo, o poder absoluto do capital de pensar no seu futuro na ausência de limites absolutos, e total flexibilidade e liberdade (liberdade aqui referida como uma oportunidade de realização de valor) (FREITAS, 2005, p. 22)⁷

A autonomia e a liberdade do sujeito são cada vez mais limitadas ao passo em que ele passa a viver cada dia como o fatal, pensando apenas a curto prazo, construindo o seu eu de acordo com o que é ditado pela mídia e pela moda, grandes aliados de corporações industriais.

Seja como um trabalhador ou apenas como consumidor, o indivíduo se vê sendo avaliado mediante a opinião alheia e passa a se ver através dos olhos de outras

⁷ FREITAS, Luiz Carlos de. Uma pós-modernidade de libertação: reconstruindo esperanças. Campinas: Autores Associados, 2005.

peças, uma espécie de autoimagem projetada, que passa a ter mais valor que a experiência e as habilidades que adquire (LASCH, 1986).

Portanto, seria possível afirmar que a formação humana se dá com o nivelamento de sua psique ao mínimo necessário, enquanto o restante é constantemente influenciado pelo mundo a sua volta, de uma forte maneira, alimentando todo o sistema de produção.

O exterior norteia a identidade do ser contemporâneo de modo que a autoria da sua própria vida é dividida e integrada à vida de outras pessoas, enquanto o cotidiano é pensado de modo unilateral, satisfazendo os desejos de grandes corporações que controlam seu pensamento, seus comportamentos e seus sentimentos. Isso leva a um caminho de desesperança que atira o ser no desassossego, fazendo com que ele se entregue pouco ao outro, desacreditando de si, em prol do que a sociedade lhe diz que precisa ter ou ser. O prazer só é sentido mediante uma moeda que seja mediadora de suas relações.

O risco que se corre é o indivíduo passar a não existir no mundo – por isso, o indivíduo constantemente busca por inventar instrumentos e ferramentas capazes de mediar sua relação com o mundo, tornando sua existência mais longa e aprazível.

Vale ressaltar aqui que o ser não é vítima dessa situação, ele é o construtor de sua realidade, contribuindo para a manutenção desse ciclo, conforme perpetua esse estado das coisas, sem que dirija suas forças para a mudança efetiva e permanente, se acomodando na segurança da sua vida e dos seus.

Diante disso, é preciso lembrar ao ser do seu potencial criativo para que ele possa ir na contramão de ideias que infertilizam a mente e suas criações. Como dizia Marx, o ser é o sujeito do seu próprio destino. Ao enfrentar o presente como um desafio que deve ser vencido, ele gera o amanhã. Para ele gerar esse amanhã, ele precisa ser criativo. Portanto, o jogo da alienação precisa ser sacudido e o ser precisa afirmar sua subjetividade, imergindo no contexto em que faz parte.

A educação deve tornar o indivíduo sensível a si e ao outro, à humanidade e à natureza, bem como ao mundo, criando e inventando. A educação deve ir na contramão do que estamos assistindo no mundo contemporâneo, sem se esquecer

que a experiência que vivemos é capaz de se fundir à vida corrente (MAFFESOLI, 1998).

3.1. A BELEZA NO MUNDO

A beleza não está nas coisas, senão todos nós veríamos beleza nas mesmas coisas, sem espaço para discussão. A beleza está em nossos olhos, como já diziam os poetas. É algo nosso, de modo que podemos experimentar a beleza de dentro do nosso quarto, de olhos fechados, no silêncio do ambiente.

Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio.
Não basta ser cego para ver árvores e flores.
A falta de filosofia é necessária.
Na filosofia, não existem árvores: existem apenas ideias.
Existe apenas cada um de nós, como um ladrão.
Há apenas uma janela fechada, e todo mundo lá fora;
E o sonho do que você pode ver quando a janela é aberta,
que nunca foi o que você vê quando abre a janela
(PESSOA, 1915)⁸

A beleza não é uma qualidade inata aos objetos, caso contrário, seria unânime dizer que algo é belo ou não, o que não ocorre. Ela é construída dentro do indivíduo, nascendo em nossa consciência. Por isso se faz importante ouvir música, ir à shows, museus, ler poemas, etc (DUARTE JÚNIOR, 1986).

A beleza ocorre entre o indivíduo e o objeto. Para o consciente sentir a beleza, ele deve ser tocado pelo objeto. Um entardecer ou anoitecer são cenas naturais que ao serem observados tocam nossa alma e nos arrancam suspiros, apesar de não terem sido criados com esse intuito de nos admirar e provocar nossos sentidos. Uma obra de arte ou qualquer objeto artístico tem como seu principal objetivo mexer com nossos sentidos e é nesse sentido que a arte se faz presente e mostra suas mais variadas facetas e sua principal característica: tocar o sensível.

A experiência com a arte provoca naquele que a observa os mais variados sentimentos, que nos leva à reflexão sobre nós e sobre o mundo. Ela é uma espécie

⁸ PESSOA, Fernando. Poemas Inconjuntos. (1913-1915). IN: Poemas completos de Alberto Caieiro. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

de espelho, que nos faz descobrir e conhecer aspectos da nossa personalidade, do nosso sentir, muitos sentimentos dos quais nem temos consciência de que existiam dentro de nós. Ela ainda vai além e nos faz refletir sobre a qualidade dos sentimentos que são despertados em nós, visto que não é a mesma coisa do que sentimos em nossa vida cotidiana (DUARTE JÚNIOR, 1986). Esses sentimentos são assegurados pelo ambiente provisório onde tal experiência ocorre, ambiente diferente da realidade que nos impede de viver esses sentimentos de um modo genuíno. Por isso a entrega às obras artísticas é tão genuína.

Aos experimentar sentimentos e sensações até então pouco vividos em seu cotidiano, o indivíduo é convidado a refletir sobre os acontecimentos mundanos, como se passasse a usar uma lupa, para enxergar de forma mais detalhada e profunda.

Larrosa (2001) adverte que muito acontece no mundo, diariamente e de maneira ininterrupta, porém pouca coisa nos acontece. Existe uma venda sobre nossos olhos e nossos sentidos que não nos deixa enxergar as agruras e também as alegrias e as conquistas do cotidiano.

A experiência, a probabilidade de que algo nos aconteça ou nos afete, exige um ato de distração, uma ação quase impossível hoje em dia: é parar para pensar, parar de olhar, parar de ouvir, pensar um pouco, olhar um pouco e ouvir lentamente; pare de ouvir, sentir lentamente, observar os detalhes, pare de ver, pare de julgar, pare de vontade, pare de trabalhar automaticamente, desenvolva atenção e comida deliciosa, abra seus olhos e ouvidos, fale sobre o que acontece conosco, aprenda a ser feliz, escute os outros, desenvolva a capacidade de se encontrar, paz, paciência e dar a si mesmo tempo e espaço (LARROSA, 2001, p. 4)⁹

A arte, nesse sentido, aparece como sensibilizadora, e deve estar a serviço da educação, presente no âmbito escolar, no dia a dia dos alunos, lado a lado com o ensino. Se a estética se refere à capacidade humana de construção dos sentidos por meio dos sentidos, a aula é o habitat do elogio a esta dimensão do ser humano. A educação é a base formadora dos homens, devendo receber a arte e a estética de

⁹ LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. Texto subsídio ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC Leituras – SME – julho de 2001.

portas abertas para a apreciação e o destaque das coisas que acontecem ao nosso redor e no mundo.

3.2. A DIMENSÃO ESTÉTICA DA AULA

Começemos falando sobre a educação. A formação humana, técnica e ética, entre tantas outras: a educação engloba todas elas. Ela é técnica quando apresenta teoria para os alunos, referente a determinada área de conhecimento, bem como as técnicas da profissão e as maneiras práticas de exercer suas funções. Ela é ética quando propõe a inserção no cotidiano, na atualidade, sendo refletida com base no suporte filosófico e aberta para discussões. Ela é humana quando coloca sobre o ser um olhar sobre suas peculiaridades, no seu íntimo e nos seus desejos, no modo singular como se coloca no mundo e como participa do mesmo, transformando-o diariamente.

A educação, portanto, não pode ser restrita ao ambiente escolar ou acadêmico, ela faz parte do mundo e da vida. Desse modo, ela não pode ser vista como um instrumento, mas como humana e estética.

O professor não se apropria da verdade, porém domina a arte de uma atividade que eleva o indivíduo e o que existe dentro de cada um. As palavras e as atitudes de um professor tem a capacidade de encantar seus alunos, mostrando-lhes e ensinando-lhes a olhar as coisas sob uma nova perspectiva, sejam coisas novas ou não. Ele deve se utilizar de artifícios e estratégias para instigar esse novo olho. Do mesmo modo, ele deve sempre tentar penetrar em mundos distintos, visto que cada aluno tem suas particularidades, chegando ao lugar onde só a palavra cabe e alcança, ao mesmo passo em que convida o aluno a experimentar o mundo.

Deve-se chamar a dimensão estética para participar das aulas, ampliando a concepção e a compreensão que os alunos têm do mundo, além da compreensão racional predominante no mundo ocidental: saber mais sobre o próprio mundo, sobre as pessoas com quem convive e sobre si mesmo, do mesmo modo que os artistas fazem, possibilita um novo modo de pensar.

Não é necessário discutir e estudar Hegel e Platão, porém as discussões reflexivas são de grande ajuda para afastar os alunos do conceito de estética passado

pela mídia, onde apenas o belo é valorizado. A função da escola, e de universidades, é quebrar estereótipos e apontar para a direção das vanguardas (SILVA, 2007).

(...) Como toda prática educativa, a educação estética não se limita ao público-alvo: quem engravida e ao mesmo tempo possibilita educar-se sobre a força das relações que forma com seus colegas de trabalho. Nesse sentido, na medida em que, durante a proposta de uma educação em beleza, os sentimentos das alunas são moldados pela mediação das atividades estéticas que lhes são propostas, os próprios sentimentos das patrocinadoras também são (recriados) ali, para criar a textura da massa. (...) (ZANELLA, 2006)¹⁰

A formação do aluno se dá lado a lado da formação do professor – ambos estão imersos na mesma dimensão, onde a arte provoca os mais variados sentimentos, convidando o ser à experiência estética. Desse modo o aluno se aproxima do universo sensível, estabelecendo um elo entre si e a subjetividade, se reconhecendo como autor da sua própria história, um ser consciente de sua função e de seu lugar na construção do mundo.

¹⁰ ZANELLA, Andréa Vieira. Entrevista concedida, por correspondência eletrônica, à pesquisadora Verussi Melo de Amorim, em 23 de junho de 2006.

4. EDUCAÇÃO ESTÉTICA: Aprendizagem e Autonomia.

Existe uma necessidade eminente de promover um movimento reflexivo dentro da educação, de modo a:

- Retomar o conceito de formação e de fundamentos da educação, dentro de uma ampla perspectiva, contemplando a educação integral do indivíduo;
- Ampliar o conceito de educação integral, de modo a incorporar a dimensão da ética e da estética, como elementos formativos;
- Promover um processo de formação contínua de gestores e educadores, privilegiando a discussão em torno dos fundamentos da educação, levando à reflexão acerca das ações educacionais.

A educação, como é concebida na atualidade, do ponto de vista escolar, tem como necessidade manter e transmitir elementos culturais, valores sociais e processos e modos de subjetivação. Surge como um processo tanto cumulativo quanto progressivo, visando o desenvolvimento da “segunda natureza”, que ultrapassa a dimensão da epistemologia e da racionalidade por não ser apenas ética, mas também estética, produzindo uma realidade, um produto tal qual vemos na arte (HERMANN, 2005).

É um processo amplo, onde o ser humano se humaniza e constitui a si mesmo, ao mesmo tempo em que passa por um processo de socialização. É um fenômeno primordial e básico para a vida humana, algo contemporâneo de nossas vidas, em todas as fases e todas as situações. Nesse processo, o indivíduo se constrói e reconstrói, interagindo com o outro e com o mundo, por meio dos processos de aprendizagem.

A aprendizagem não é somente o acréscimo de conhecimentos e habilidades, ou a adaptação do que existe. Ela implica no domínio de códigos culturais, além da competência comunicativa e a capacidade de explicitar entendimentos de si mesmo e do mundo, entendendo os problemas que existem na realidade e a capacidade de decisão, aprendendo e se configurando como humano (MARQUES, 2000).

A educação está correlacionada à ética e à estética, sendo parte construtiva do ser humano, logo não pode ser desconsiderada dos processos educacionais. Sua importância se relaciona com a sensibilidade, com o gosto e a diferença, sendo esses elementos centrais da vida humana.

As forças da imaginação, da sensibilidade e das emoções tem grande efetividade ao orientar nosso modo de agir e os caminhos a serem seguidos, além do racionalismo clássico e dos fundamentos abstratos. A educação não é possível sem o *ethos* existente na diferença e na pluralidade, visto que a estética traz justamente o estranho, a inovação e a pluralidade que não podem ser desconsiderados nesse processo (HERMANN, 2005).

A inclusão de experiências estéticas, das mais variadas formas, dentro do processo de ensino e aprendizagem não é decorrente somente do acesso ao acervo artístico e da apreciação da natureza, promovendo participações esportivas, desenvolvimento do gosto musical, apreciação da cultura popular e até mesmo rituais religiosos.

A dimensão ética e estética deve ser reconsiderada, de modo a valorizar a multidimensionalidade dos processos escolares, desenvolvendo a identidade subjetiva, visto que o ser humano é um ser eminentemente social, convivendo de maneira harmoniosa com os seus semelhantes, necessitando o estabelecimento de normas de ordem moral, direitos e deveres. O senso coletivo deve ser desenvolvido, de modo que o ser pertença à uma comunidade humana, de acordo com sua identidade subjetiva e das leis, que requerem aprendizagens morais e progressivas. Os valores não podem ser ensinados do mesmo modo, muito menos seguindo a mesma metodologia, com matérias instrumentais (SUBIRATS, 2008).

Vale ressaltar que o aprendizado começa no nascimento do indivíduo e segue pelo transcorrer de sua existência. O desenvolvimento moral depende que a aprendizagem ocorre da maneira ampla, com o saber cultural sendo apropriado e reconstruído, promovendo a participação nos processos de socialização. Ele é parte do desenvolvimento da personalidade, sendo decisivo para a identidade.

Uma prática pedagógica deve almejar a inclusão da dimensão ética na educação, assumindo que tanto educandos quanto educadores devem ser capazes de assumir seus papéis de atores, estabelecendo situações que promovam o entendimento mútuo e a coordenação de suas ações.

O ambiente escolar deve promover a reflexão e mostrar que não se trata apenas de acolher a verdade do outro, mas também dando o direito do outro se expressar. Ao romper com o núcleo familiar, a escola permite que novos parâmetros e novas normas de interação e convivência social venham a superfície. Uma criança que tem o primeiro contato com o mundo escolar tem a figura de autoridade existente nos pais dispersa e reordenada, sendo transferida para a relação com os colegas e os professores. O entendimento dessa relação se faz necessário para que sua perspectiva seja descentralizada: a criança passa a esperar sua vez de falar, escutar o outro, seguir orientações sobre suas atitudes, auxiliando em sua evolução, dentro da própria moralidade.

Os conflitos cotidianos passam a ser solucionados na escola, por meio de mecanismos de coordenação da ação, ao invés do uso da força e de ameaças. Como uma ação social, a educação deve encontrar modos de desenvolver práticas pedagógicas que tenham o intuito de formar indivíduos voltados para o diálogo e a resolução de conflitos, em detrimento da violência e de estratégias de manipulação.

É sabido que a escola não é responsável sozinha pelo processo de socialização e internalização de normas dos grupos sociais, porém tem uma importante função de auxiliar o desenvolvimento da identidade normativa, considerando as regras de conduta e os padrões morais. Quando a ação pedagógica propicia discussões e a reflexão em torno das normas e de seus significados, bem como de sua importância para a manutenção do ser humano, promovendo uma vida pautada no bem viver.

Não é de hoje as críticas acerca do sistema educacional brasileiro, em relação a ele estar falido ou sobre a estrutura escolar não funcionar. Críticas desse tipo sempre existiram, aparecendo com frequência nos mais variados ambientes, como nos próprios cursos de formação de professores e em textos e editoriais de jornais e revistas, citando apenas alguns exemplos de ambientes nos quais ela aparece.

A educação, como um processo estético, ainda não foi resgatada de maneira ampla, apenas em algumas iniciativas pontuais, como ocorre em escolas privadas, a maioria com preços exorbitantes de mensalidade.

O sistema educacional tem inúmeros problemas. A maioria das escolas não conta com as dependências básicas, como sanitários, de acordo com o Censo Escolar 2014 do INEP.

Diante desse cenário, é difícil perceber a educação como algo significativo, por mais que existam iniciativas e estudos que buscam trazer um pensar pedagógico de qualidade, levando a uma boa experiência estética, de modo que o sistema educacional se mostra longe de conseguir levar a sério o próprio ambiente escolar.

É necessário que os alunos permaneçam constantemente em aprendizagem, sendo uma premissa básica para a escolar cumprir sua função social e a formação continuada dos professores deve garantir conteúdos e processos voltados para a formação pessoal, institucional, técnico-científica e macroestrutural dos alunos, fornecendo elementos que os habilitem ao convívio social, plural e diverso.

A discussão acerca dos pressupostos voltados para como podemos educar os novos cidadãos e formar novas gerações nos leva a refletir que a relação da ética com a estética dentro das práticas pedagógicas deve seguir de modo equilibrado. A ética, a estética e a educação converge dentro da criação do indivíduo, denotando a existência de um espaço onde ocorre a criação do humano, onde ampliamos os conceitos de liberdade, autonomia e subjetivação. O indivíduo passa a ser criador de leis, costumes e produz esteticamente seu próprio estilo de vida.

Paulo Freire (1987), considerado o patrono da Educação, não só idealizou, mas, também, colocou em prática um projeto educacional, que, desde a sua origem, consiste na libertação do indivíduo, frente a um modelo de educação, conhecido e denominado por Freire como “bancária”, opressor e controlador que tende a aprisionar e impossibilitar o despertar e o desenvolvimento do senso crítico, limitando o conhecimento do educando, caracterizando um modelo de manipulação social.

Freire, ainda, faz uma crítica incisiva ao educador que transmite seu conhecimento ao aluno fazendo uso de uma metodologia que privilegia a

memorização, passando informações, onde “na visão “bancária”, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais de ideologia de opressão”. Ao invés de efetuar a troca de conhecimento através do diálogo, negando a estabelecer uma conexão educador-educando, privilegia essa “doação” do conhecimento, “que constitui o que chamamos de alienação da ignorância” (p.57).

Como processo de humanização, a educação contribui para a constituição do ser, de modo que o indivíduo seja ampliado e diversificado. Logo, as crianças e os jovens passam a percorrer um caminho de constituição de si próprios, se autoafirmando, inventando e buscando identidades pessoais que sejam condizentes com suas histórias e seu meio social.

É um processo simbólico, contribuindo de uma maneira rica com experiências pessoais e sociais, possibilitando um crescimento com autonomia e responsabilidade ao mesmo tempo em que forma gostos e sensibilidade, promovendo o crescimento da capacidade de julgamento a partir da sabedoria prática que é adquirida em nossa experiência de vida. Um sublime modelo para ilustrar essa contribuição educacional, é o “Método Paulo Freire de Alfabetização”.

Esse projeto que consistia na alfabetização de adultos, tinha como objetivo incluir esses indivíduos na vida político-social do cotidiano brasileiro, fazendo uso do método de utilização das chamadas “palavras geradoras”, onde o processo de aprendizagem se baseia na realidade de cada um desses educandos, “por exemplo, um trabalhador de fábrica podia aprender “tijolo”, “cimento”, um agricultor aprenderia “cana”, “enxada”, “terra”, “colheita”, etc” (Beck, 2016), proporcionou aos concluintes uma melhor compreensão de mundo.

De acordo com o artigo (2016), do site “Andragogia Brasil”, escrito por Caio Beck, o método foi testado pela primeira vez na cidade de Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte. A experiência até então inédita no Brasil, consistia, com certa ousadia, em “alfabetizar adultos em 40 horas de aula, sem cartilha. Mas, não era só isso. Paulo Freire pretendia despertar a consciência política” de cada indivíduo participante do projeto, que por sua vez tiveram um contato direto e prévio com o próprio idealizador (anexos 1 e 2).

Ainda, segundo o artigo citado, “naquela época, o Nordeste possuía aproximadamente 15 milhões de analfabetos (50% da população nordestina na década de 60). A primeira experiência foi realizada com 300 trabalhadores sem acesso à escola” (2016), oprimidos e excluídos do contexto social e das instituições sociais.

Na educação ainda há muito o que se fazer. A educação no Brasil, principalmente, em relação à educação estética, caminha a passos lentos devido aos projetos educacionais conservadores, mantidos em nome da manutenção do engessamento social, da “alienação da ignorância e do *status quo*. Contudo, ainda hoje, Paulo Freire mantém acesa uma chama de esperança, que possamos ver cada vez mais mentes livres e construtoras de um futuro e de uma sociedade igualitária, pelo menos no que diz respeito formação intelectual e absorção cultural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Paidéia* grega não é, propriamente, o que conhecemos como educação. Nesse caso, a educação é apenas um dos muitos elementos que completavam esse complexo sistema produtivo que era a *paidéia*. “termo grego pode ser entendido como, “formação” no sentido amplo, para além da educação meramente formal e abstrata” (p.30), assim define no seu glossário Fernando Barros (2012).

Durante o desenvolvimento da pesquisa a *paidéia* não se fez presente como elemento em análise porque desde o início essa não era a pretensão, mas, entender como a educação se faz fundamental na formação das sociedades. Contudo, a própria definição de *paidéia*, justifica o motivo pelo qual, ainda que nas considerações finais, ela esteja sendo citada nessa pesquisa.

No entanto, sem nos aprofundar mais nessa questão da educação grega, é importante ressaltar conceitos que foram fundamentais para a elaboração dessa monografia: a educação, a Estética, e, sobretudo, a Educação-Estética. A partir da análise individual de conceitos como estética e educação é que se fez possível compreender o conceito de educação estética. Porém, não antes de uma análise mais aprofundada sobre a estética, que, em um dado momento é identificada como a filosofia da arte num outro como do conhecimento perceptivo ou sensorial.

Essa busca por compreender a educação estética do ser humano, inevitavelmente, nos levou a percorrer, de forma cronológica um caminho tortuoso na história, desde os antigos gregos até os dias atuais.

Na segunda metade do século XX, seguindo uma tradição filosófica alemã, Schiller, identificando a estética como a arte do belo, afirma que “a educação deve ser estética” para que a beleza faça uso do seu poder de afetar o indivíduo e o leve a um estado de liberdade. De acordo com Schiller a educação, partindo de uma experiência estética, que ele afirma ser, algo quase, que, obrigatoriamente, proporciona ao indivíduo uma autonomia intelectual, que o desvincula da opressão político social construída e imposta por uma estrutura governamental e uma indústria cultural.

A “Pedagogia do Oprimido”, desenvolvida pelo grande mestre da educação Paulo Freire, nos serve como uma espécie de lente ou uma luz, que, tem a função de auxiliar a visão diante daquele objeto que se encontra obscurecido. É dessa forma que podemos definir metaforicamente a tese de Freire diante da realidade social do Brasil e seu sistema educacional.

A teoria da existência de uma educação “bancária”, que, traduz a ideia de uma transmissão de conhecimento mecânica, onde o educador impõe ao educando o “objeto” de consumo, negando a pessoa leiga a participação coletiva na construção de uma cultura e suas produções, é bastante evidente na “Pedagogia do Oprimido”. Porém, ainda nessa obra, Freire apresenta uma simples e fantástica solução para essa carência, ou, pior, essa opressão que torna ineficiente a educação no Brasil deixando a sociedade presa numa inércia intelectual: “A pedagogia do oprimido, como humanista e libertadora”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Fernando R. de Moraes. **Estética para o ensino médio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BECK, Caio. (2016). **Método Paulo Freire de alfabetização**. Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao>

BOAL, Augusto. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. **Apocalipse agora**. Texto publicado na Folha Ilustrada de 2 de março de 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DALBOSCO, Cláudio A., CASAGRANDE, Edison A., MÜHL, Eldon H. (Orgs.). **Filosofia e Pedagogia: aspectos históricos e temáticos**. -Campinas< SP: Autores Associados, 2008.

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. São Paulo, SP: Nova Cultura Ltda, 2000.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma Introdução**. Trad. Luis Carlos Borges e Suzana Vieira. São Paulo: Boitempo, 1997.

ECO, Umberto. **A mensagem estética**. In ECO, U. A estrutura ausente. São Paulo: Perspectiva, 1997. pp. 51-66.

FOUCAULT, Michael. **A História da Sexualidade**. 4. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Ana Maria Araujo. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 27ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. 15ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 36ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Uma pós-modernidade de libertação: reconstruindo esperanças**. Campinas: Autores Associados, 2005.

HEGEL, W.F. **Estética – A ideia e o ideal**. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, Nadja. **Pluralidade e ética em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. Trad. Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HUSSAK, Pedro, VIEIRA, Vladimir(orgs.). **Educação estética: de Schiller a Marcuse**. Rio de Janeiro, RJ: NAU: EDUR, 2011.

ISER, W. **O ressurgimento da estética**. In: ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

ISSE, R. **Educação estética**: uma ponte entre Schiller e Habermas. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Texto subsídio ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC Leituras – SME – julho de 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. 1 impr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu**: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1986

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Entrevista concedida, por correspondência eletrônica, à pesquisadora Verussi Melo de Amorim, em 20 de maio de 2006.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1979.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARQUES, Mario Osorio. **Projeto pedagógico: a marca da escola**. Contexto & Educação, Ijuí, v. 5, n. 18, p. 16-28, abr./jun., 1990.

MARQUES, Mario Osorio. **Pedagogia: a ciência do educador**. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

MEIRA, Marly. Entrevista concedida, por correspondência eletrônica, à pesquisadora Verussi Melo de Amorim, em 19 de maio de 2006.

PARO, Vitor Henrique. **Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado**. Educar em Revista [online]. 2011, n. 41 [Acessado 24 Setembro 2021], pp. 197-213. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000300013>>. Epub 09 Dez 2011. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000300013>.

PESSOA, Fernando. **Poemas Inconjuntos**. (1913-1915). IN: Poemas completos de Alberto Caeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

PERISSÉ, G. **Estética e educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. Coleção Temas e Educação.

ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHILLER, F. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. São Paulo: Herder, 1963.

SUBIRATS, Marina. **A educação do século XXI: urgência de uma educação moral.** In: IMBERNÓN, Francisco. A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 195-204.

TREZZI, C. **A educação estética na formação de professores no ensino médio: um estudo sobre a contribuição de Ricoeur.** Dissertação de Mestrado em Educação. UNICID, São Paulo, 2010.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia II: ética e cultura.** 4.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

VERÁSTEGUI, R. L. A. **A educação estética do ser humano de Friedrich Schiller.** Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simpósio%20Academico%202007/Trabalhos%20Completos/Trabalhos/PDF/57%20Rosa%20de%20Lourdes.pdf>. Acesso em 13-08-2021.

ZANELLA, Andréa Vieira. Entrevista concedida, por correspondência eletrônica, à pesquisadora Verussi Melo de Amorim, em 23 de junho de 2006.

WELSCH, Wolfgang. **Estetização e estetização profunda ou a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje.** Porto Arte, Porto Alegre, v. 6, n. 9, p. 07-27, maio 1995.

7. ANEXOS

IMAGEM 1



IMAGEM 2

